

Bordadeiras

“À maneira dos feiticeiros de uma ilha do Pacífico, lancemos a rede de corda grossa com nós de diferentes dimensões para apanhar nessa armadilha a alma de textos maiores ou menores (canções de embalar, cantos de trabalho, contos, romances, baladas, anedotas, adivinhas, lengalengas, e por aí fora). Ao modo do pescador algarvio daremos um nó no *cabo do Cairo* ou num barço qualquer por cada presa capturada e entregue ao escrivão deste barco em que juntos navegamos. Contemos “o tempo de serviço” à tradição como a gente moçambicana quando vai servir para a cidade: trazendo á cinta uma corda e dando nela um nó ao fim de cada lua.

Ou atemos ao texto enfermado pelo desinteresse dos tempos (enleados noutras ‘redes’?) o fio regenerador que lhe restaura a saúde e reinventa – fascinantemente – o provérbio: «Quem bem tece nunca se esquece».”

Ana Paula Guimarães, 1998 in *Nós de Vozes – Acerca da Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa, Ed. Colibri, 2000.

Neste projecto de trabalho sobre FIOS, FITAS, LAÇOS E ENREDOS urdido, desde há anos, e inspirado, a partir de 2004, pelo filme de Eléonore Faucher, *Bordadeiras*, visamos prosseguir abordagens des(a)fiadas pelos bordados de Maria Barraca (Museu do Traje, anos 90), publicações (*Nós de Vozes – Acerca da Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa, Ed. Colibri, 2000) e sedimentar estudos relacionados com práticas artesanais e criativas em sessões de contos de talego (Joaninha Duarte), ‘ateliers’ (Diana Regal) e outros eventos.

Extracto de uma conferência de Ana Paula Guimarães no Museu do Traje em Lisboa, aquando da exposição de Bordados de Maria Barraca (nos anos 90):

“Exemplifiquemos referindo as teias urdidas na tradição popular portuguesa: desde os fios que ligam rezas, ensalms (Oração a Santa Bárbara, um dos casos), cantigas (“Quando eu era solteirinha/ Usava fitas e laços”...) até à trama de um romance (“Conde da Alemanha”) onde pele, casa e vestidos se aparentam.

Existem diversos tipos de ensalmo para desenlear as linhas tecidas entre bem e mal, à revelia da vontade dos humanos. Num ensalmo para talhar o ar¹, “desconjura-se” “o ar mau”/”os ares maus” que afectam crianças e adultos fazendo-se cruces com uma faca na mão e dizendo:

[...]
Eu te desconjuro
Para as Pedras Negras
Para a auga coalhada,
Onde não faças mal
Nem a pão, nem a vinho
E que não se ouça cantar
Nem galo nem galinha
Nem cousa que seja viva.
[...]

Um ensalmo “para talhar sezões” expulsa os “amigos” (as sezões) para “o mar coalhado,/ Onde não canta galinha nem galo.”² Outro desterra o mal para “as areias do mar/ Adonde não cantem galinha nem galo.”³

De notar que estes lugares desertos, ermos, são frequentemente convocados também a propósito de trovoadas, assim equiparadas a males, doenças que é preciso afastar e manter longe. De notar que os factores climáticos são nos textos populares/ tradicionais referidos, não apenas para noticiar alterações climáticas mas também para dar conta da forma mais eficiente de lidar com o perigo da devastação natural. Conhecemos, por exemplo, exemplares da oração *contra as trovoadas*. Invocando S. Gregório (noutras versões, Santa Bárbara), acredita-se no poder mágico da linguagem capaz de exorcizar o medo e afastar o mal para o lugar deserto, o ermo, o terreno agreste e sobretudo pré-humanizado (*onde não haja pão nem vinho/ nem a flor do rosmaninho/ nem mulher com seu menino/ nem vaca com bezerrinho/ nem leira nem beira/ nem ramo de figueira/ nem coisa que Deus queira*⁴). Ora, é curiosamente a natureza com este tipo de características que hoje em dia se classifica de ‘wilderness’, espaço valorizado pela ausência do humano, pela excepcionalidade do lugar intervencionado ao mínimo. Segundo *The Wilderness Act of 1964*⁵, “a Wilderness, in contrast with those areas where man and his works dominate the landscape [mulher e filhos, animais, campos lavrados, pão, vinho, flores mencionados na oração], is hereby recognized as an area where the earth

¹ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.55.

² Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.172.

³ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.114.

⁴ Alice Vieira, *Eu bem vi nascer o sol*, Lisboa, Caminho, 19.., p.23.

⁵ U.S. Congress, s.2 (c).78 Stat.891.

and its community of life are untrammelled by man, where man himself is a visitor who does not remain [S. Gregório? Santa Bárbara?].”

É para defender a comunidade da trovoada que o santo, S. Gregório, *se levanta, calça os sapatos, toma o cajado* e, num gesto heróico, expondo-se ao perigo, avança sobre o espaço afastado do humano (correspondente à *wilderness*) para aí *espalhar as trovoadas/ que sobre nós estão armadas*. Se é certo que, de acordo com Roderick Nash, foi a civilização que criou a *wilderness* (“a foil we have constituted in contrast to late twentieth-century, Western, technological culture”⁶), também parece ser certo que, desde muito cedo, o texto tradicional alberga a concepção desse tipo de espaço ainda que não tendo constituído sobre ele um conceito e uma definição, os quais apenas surgem a pedido do Direito e da necessidade de preservação da natureza e do ambiente a nível local e planetário. De notar, aliás, que na concepção tradicional, *wilderness* é cartografável (releia-se a precisão dos dados caracterizadores do espaço onde o santo pode e deve espalhar as trovoadas, onde devem ser expulsos todos os elementos causadores do mau ar e da doença) mas profundamente indesejável. Tão indesejável que bem pode esse espaço ser degradado pela tempestade sem que daí ocorram prejuízos para o humano. Bem pelo contrário, o humano sobreviverá se para o longe foram atirados os maus espíritos⁷.

Em última instância, terá sido esta concepção de amplo espaço capaz de suportar aquilo que não convém ao humano que terá arruinado, à escala global, a possibilidade de sobrevivência de muitas espécies (a humana também). O mundo tornou-se curto e as trovoadas (do lixo, dos resíduos, dos irrecicláveis) *espalhadas* no ermo, na distância (os desertos, os fundos dos mares: “Eu desterro este mal para as areias do mar”⁸) inevitavelmente acabam por nos atingir. Se, na sociedade tradicional, havia um divórcio entre o longe e o perto, na sociedade contemporânea, deixou de haver longe. Tudo está ligado (pela *net*). Tudo está perto.

Na tradição haverá, no entanto, modos de ligação entre entidades longínquas, passíveis de constituir uma absurda ou grotesca familiaridade. Repensaremos àquilo a que chamamos a aptidão mágica da rima, um modo de relacionar o impensável (o *francês* e a *rês*, *valente* e *dente*) a qual conjugada com a imaginação e a capacidade de ‘aldrabice’ (as facécias fazem sempre sucesso e dominam os nossos contos) possibilita toda uma releitura do mundo em que a diversidade se cruza e o próprio corpo se

⁶ Roderick Nash, *Wilderness and the American Mind*, 3rd ed. New Haven, CT, Yale University Press, 1982.

⁷ Na “Cathedral Forest Wilderness Declaration” de 1984 escreve-se em nome da defesa das “wild places”: “We believe that all things are connected, that whatever we do to the earth, we do to ourselves. If we destroy our remaining wild places, we will ultimately destroy our identity with the earth: wilderness has values for humankind which no scientist can synthesize, no economist can price, and no technological distraction can replace.” (Bill Devall, George Sessions, *Deep Ecology*. Layton, Utah, Gibbs Smith, 1985, p.196).

⁸ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.114.

disjunta: *lebres no mar, enguias nos campos, rolas no cinema, um tordo na tourada, catarro nas unhas, dor de estômago nas orelhas, joelhos coçando sobranceiras*⁹.

Prossigamos com os ensalmos. Num outro texto¹⁰ diz-se enquanto se põe sobre a cabeça da criatura que tem o ar um guardanapo de linho da Flandres e uma colher cheia de chumbo derretido — numa operação que prossegue de forma complexa e a cumprir rigorosamente:

[...]
Deus te tire o ar que t'antrou:
Ou de sepultura
Ou de campa
Ou de defunto
Ou de caveira
Ou de bicho rasteiro
Ou de galinha choca [se passa sobre os inocentes, areja-os]
Ou de peneira [a peneira é perigosa, não se pode levar de noite na mão; é preciso deitar-lhe sal]
[...]

Ainda num outro texto¹¹ “o mal” que no corpo “entrou” pode ser causado pelo “ar de névoa”, “ar de cinza”, “ar de cisco”, “ar de vivo em pecado”, “ar de morto excomungado”, “ar de todo o mau olhado” ou... “ar de galinha choca”.

Uma galinha choca que passe por cima de um menino, que esteja no berço ou no chão, ou de um adulto sentado ou deitado, põe-lhes “a cara toda ou o corpo todo *em borbilhões vermelhos* (borbulhas), que causam grande prurido. O mesmo acontece quando se deitam onde estiveram porco, burro e cão. O remédio é pegar uma pessoa numa vassoura, molhá-la na pia de um porco, dentro da qual há-de estar o doente, agitá-la fora e dizer:

Eu te corto, bachurro,
Se for de galinha, chô!
Se for de cão, passa!
Se for de porco, chu!
Se for de burro, arre lá!

[...] *Bachurro* é também o lugar onde o porco chafurda.¹²

⁹ *Eu bem vi nascer o sol*, p.35-6.

¹⁰ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.59.

¹¹ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.172.

¹² Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.64.

Para talhar a erisipela, a benzedeira recorre a uma pena de galinha viva para mexer numa tigela uma mistura de “*farpeira de fiulho*, água de fonte que nunca seque e *azeite de oliva*”¹³. Depois pega na pena, “molha-a, vai untando em cruz as partes doentes” e diz uma oração em que Pedro e Paulo encontram Cristo a caminho de Roma onde há “muita força de erizipela e erizipela/ E muita gente morre dela”. Cristo recomenda:

--Pois torna atrás, Pedro,
E cura-a com azeite de oliva
E pena de galinha
E água da fonte
E fiulho do monte¹⁴.

Para talhar males vários (“zeripela”, “zeriplão”, “cobra” e “cobrão”), “as benzilhonas utilizam ramo verde de sabugueiro, três folhas de oliveira, azeite, água e uma faca e dizem:

[...]
Com que talharemos?
--Com óleo de liba,
Sangue de galinha viva [...]¹⁵”

¹³ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.98-9.

¹⁴ Existem outras versões desta oração mas a “pena de galinha” não está sempre presente (Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X, pp.97-112).

¹⁵ Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, Vol. X. Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p.135.

E a propósito da arte de bordar de Maria Barraca, sugerimos:

<http://www.freipedro.pt/tb/240699/cult1.htm>

Museu da Guarda promove exposição

A arte de Maria "Barraca"

«Vidas Ex-Postas. Estórias bordadas por Maria "Barraca"» é o título da exposição que irá estar patente a partir de amanhã até 19 de Setembro no Museu da Guarda. Trata-se da primeira grande mostra ao público dos trabalhos da original artista popular conhecida por Maria "Barraca" que será acompanhada com a publicação de um catálogo elaborado por especialistas. Oportunidade única para admirar os bordados de uma mulher obcecada por uma santa-mártir e que fez disso a sua própria vida.



O nome de baptismo é Maria José dos Santos, mas esta artista, cujo trabalho será exposto, a partir de manhã até 19 de Setembro, no Museu da Guarda, é conhecida como Maria «Barraca» e vive na aldeia de Misarela, pertencente a este concelho.

Quando era criança o pai emigrou para a Argentina e «ficou só com a mãe, que morreu quando ela tem só cinco anos». Então foi viver com a avó, na «Quinta da Barraca», um lugar perto da Misarela.

O facto de o museu da cidade tornar agora pública a obra desta artista deve-se a ser um local «de práticas interactivas da vida cultural da comunidade» em que se insere, cumprindo assim a função de «estudar e divulgar a obra artística de Maria José dos Santos».

Dulce Borges, directora do Museu, esclarece que «a autora não considera que haja semelhanças entre a vida de Santa Bárbara e a dela», mas, após análise da obra de Maria «Barraca», ao grupo de estudos do Museu «parece haver umas similitudes de vida - a luta entre o bem e o mal, o divino e o profano, as trevas e a claridade».

A directora do Museu deu mais um exemplo das semelhanças que o grupo de trabalho julgou encontrar entre a vida da artista e a de Santa Bárbara. Esta última «consagrou a sua vida a Deus. O pai queria que ela casasse e ela não quis porque entendia que estava casada com Deus. O pai era ateu e ela converteu-se ao catolicismo. Também Maria "Barraca" espera, de alguma forma, uma consagração, e, também ela dedica a sua vida a Deus». Quanto aos «motivos» para que tal acontecesse, referidos por Dulce Borges, «são coisas muito íntimas, apenas a floradas no catálogo da exposição».

Dois mundos inconciliáveis

A autora não borda apenas pequenas tapeçarias. A arte de Maria «Barraca» divide-se em dois actos de criação, o desenho e o bordado. A artista desenvolveu o seu trabalho a

partir do «livrinho de desenhos, feito em 1969», onde inventou, com traços de lápis e de cores, o cartão.

Dez anos depois o ritmo de produção artística de Maria José dos Santos aumentou. «O primeiro trabalho ocorre um ano antes de o pai morrer. Só depois ela começa a produção de peças únicas e nunca repetitivas», de forma mais ou menos regular, «porque ela demora três a quatro meses a fazer uma tapeçaria», explicou Dulce Borges.

Os bordados de Maria «Barraca» contêm uma composição visual e cromática muito ricas e, segundo a directora do Museu da Guarda, além dos episódios do martírio da Santa e dos seus dois momentos apoteóticos (o céu, com a elevação da Santa às alturas por um coro de anjos, e o inferno, estando, ao mesmo tempo o pai da mártir está a ser sepultado por castigo de Deus), «o que está muito presente na sua obra artística é a presença de dois mundos inconciliáveis - bem "versus" mal - o que também está patente na história de Santa Bárbara, numa luta constante».

De acordo com a análise de Dulce Borges, Maria José Santos extravasa muito mais os seus sentimentos e a sua arte para os bordados, onde a directora encontra «uma cor muito mais intensa» e uma criatividade maior, «quer no campo da composição visual, quer na cromática».

A técnica de bordado de Maria «Barraca» produz também efeitos muito especiais, pois, conforme borda na vertical ou na horizontal, a artista consegue obter nas tapeçarias diferentes contrastes de claro-escuro (destacando, pedra a pedra, a torre onde Santa Bárbara foi encerrada) e até mesmo sensações de profundidade (ao representar montanhas).

Paralelamente à exposição será editado um catálogo com a reprodução de todas as obras expostas, complementado com estudos antropológicos e artísticos sobre a vida e obra de Maria «Barraca». Nessa compilação pode ler-se a descrição, feita por Dulce Borges, sobre o conjunto de tapeçarias de Maria José dos Santos.

«Nas tapeçarias de Maria "Barraca", para além da componente metafísica, da exaltação do bem sobre o mal, da vida sobre a morte (apoteose da "vida para além de" em Santa Bárbara - uma coisa que a autora espera que lhe venha a acontecer), há a exaltação da natureza, conseguida através da representação dos pássaros, das flores campestres, das árvores e das montanhas. Há também um culto sidérico muito grande, com a representação da lua, das estrelas e do sol».

Em suma, trata-se de uma oportunidade única para ver a beleza invulgar do trabalho de Maria «Barraca», a artista popular que mereceu recentemente um louvor pelo grupo "Aquila" através da sua última produção "E o céu a explodir por fim".

A exposição pode ser visitada no horário normal do Museu - terça-feira a domingo, entre as 10 horas e as 12h30 e das 14horas às 17h30. A entrada é gratuita.

Teresa Nicolau

http://www.urbi.ubi.pt/030408/edicao/166cult_exposicao.html:

História de Santa Bárbara

Bordar uma vida

A artista popular Maria Barraca mostra os seus trabalhos ao público. Dezoito peças estão expostas no Museu de Lanifícios da UBI.

Por Andreia Ferreira

Atravessar a galeria de exposições do Museu de Lanifícios e parar por uns minutos para observar a exposição de bordados de Maria Barraca, pode ser uma boa maneira de conhecer a história de Santa Bárbara. As 18 peças expostas pertencem ao trabalho da artista popular que usa fios de camisolas para bordar a vida da mártir que lhe inspirou toda uma obra.

Inserida no V Festival Ethnicu, a escolha do trabalho de Maria Barraca, pertencente ao Centro Cultural de Famalicão da Serra, explica-se "por expressar a tradição e religiosidade populares, o misticismo e os medos ou receios", segundo esclarece Pedro Fonseca, da Associação Académica da Universidade da Beira Interior. Características que em tudo obedecem ao que o Ethnicu pretende para este ano: explorar de outras formas a mensagem popular e criar uma maior aproximação com a vida comunitária.

Para além da representação dos episódios do martírio da Santa, há nos bordados de Maria Barraca uma componente transcendente de elevação do bem sobre o mal e da vida sobre a morte. Momentos sempre presentes na história da Santa das Trovoadas e que a artista narra através de palavras bordadas nos quadros em jeito de legendas.

A técnica de Maria Barraca, que tanto borda na vertical como na horizontal, e a união de cores e símbolos, transmitem diferentes contrastes de claro e escuro, assim como sensações de profundidade. A exposição pode ser vista até ao dia 12 de Abril.